



ANAIS DO XXXII COLÓQUIO CBHA 2012

DIREÇÕES E SENTIDOS DA HISTÓRIA DA ARTE

Organização

Ana Maria Tavares Cavalcanti

Emerson Dionisio Gomes de Oliveira

Maria de Fátima Morethy Couto

Marize Malta

Universidade de Brasília

Outubro 2012



O Bispado em Mariana e a Afirmação de um Aparato Simbólico-Decorativo

Angela Brandão

Departamento de História da Arte UNIFESP

Programa de Pós-Graduação em História UFJF

Apoio FADA e FAPEMIG

Resumo: A construção do aparato simbólico para a afirmação do Poder do Bispado, permite compreender o grande esforço de Dom Domingos da Encarnação Pontével em cercar-se de objetos de valor honorífico, capazes de criar uma atmosfera digna de um bispado, na ainda jovem Diocese. Curiosamente, a transcrição do inventário de bens de Pontével, do Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, revelou a prática de um colecionismo voltado às artes decorativas e confirmou a presença de alguns objetos de colecionismo erudito e artístico. No entanto, todos os bens de Pontével foram estranhamente vendidos um a um, nada restando para ser utilizado por seus sucessores.

Palavras-chave: Diocese de Mariana. Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével. História do Mobiliário Brasileiro.

Resumen: La construcción de un aparato simbólico para la afirmación del poder del obispado permite

comprender el gran esfuerzo de Don Domingos da Encarnação Pontével en cercarse de objetos de valor honorífico, capaces de crear una atmósfera digna de un obispado, en la joven Diócesis. Curiosamente, la transcripción del inventario del Obispo Pontével, en el Archivo de la Arquidiócesis de Mariana, Minas Gerais, Brasil, reveló la práctica de un coleccionismo volcado hacia las artes decorativas y confirmó la presencia de algunos objetos de coleccionismo erudito y artístico. Sin embargo, todos los objetos de Pontével fueron vendidos, nada quedando para ser utilizado por sus sucesores.

Palabras clave: Diócesis de Mariana. Don Frei Domingos da Encarnação Pontével. Historia del Mobiliario Brasileño.

Com a criação do Bispado em Mariana em 1745 e a chegada do primeiro bispo em 1748, Dom Manuel da Cruz, episódio narrado pelo tão conhecido relato “Áureo Trono Episcopal”, teve início o difícil processo de estabelecimento de uma corte episcopal e a concepção de um aparato simbólico-decorativo, capaz de afirmar a presença de um novo poder na cobiçada região das minas.

Dom Frei Domingos da Encarnação Pontével, quarto bispo de Mariana, foi eleito e confirmado pelo Papa Pio VI em 1779, quinze anos depois da morte do primeiro bispo, Manoel da Cruz. Por quinze anos a diocese havia sido

governada por procuradores, em nome de dois bispos que administravam-na desde Lisboa.

Domingos da Encarnação Pontével nasceu em Santarém e foi batizado na Paróquia de São Nicolau, do Patriarcado de Lisboa. Foi professor de filosofia e teologia na Ordem dos Pregadores e diretor da Ordem de São Domingos. Quando Pontével assumiu a diocese em 1780, encontrou o Cabido completamente dividido por facções rivais e por toda espécie de indisciplina. Estes conflitos o teriam levado a estabelecer-se em Ouro Preto, onde passou a residir habitualmente. Seu episcopado foi marcado pela Inconfidência Mineira. Morreu em Vila Rica em 1793 e foi sepultado na Sé de Mariana.¹

A relação de livros em seu inventário de morte permite afirmar que foi um erudito, cujas leituras passavam certamente da filosofia à teologia, de tratados de moral e retórica, da história à geografia, assim como por muitos dicionários e livros sobre música. Segundo Luiz Carlos Villalta: a biblioteca de Dom frei Domingos da Encarnação Pontével teria sido uma das maiores do período colonial.²

A análise da documentação levantada e transcrita até 1974 no *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*, de Judith Martins, (contratos,

¹ SANTIAGO, Pe. Marcelo Moreira et alii. Igreja de Mariana 100 anos como arquidiocese. Mariana: Dom viçoso, 2006, pp. 61-62. TRINDADE, Cônego Raymundo. *Arquidiocese de Mariana: subsídios para sua história*. São Paulo: Escola de Profissionais do Coração de Jesus, vol. I, 1928, pp. 132, 206-209.

² "(...) nela se notava a proeminência das ciências sacras sobre as ciências profanas: logramos identificar 251 obras na primeira seção e 76 na última, respectivamente 60% e 18%, ficando o restante (85 obras, 21%) sem classificação em virtude da falta de dados completos sobre as mesmas. Dentre as ciências sacras, além disso, constatamos igualmente a maior presença de livros de teologia e liturgia (...)." VILLALTA, Luiz Carlos. O Diabo na Livraria dos Inconfidentes. In NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. P. 372-375.

recibos, e outros documentos firmados junto à Diocese de Mariana, referentes às obras da Sé, do Paço Episcopal e do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte) revelou o esforço de Pontével em promover obras de construção e reformas no sentido de confirmar, simbolicamente, a presença da diocese. Ele reformou a Catedral, abalada em suas fundações por formigueiros. São mencionadas, de fato, séries de trabalhos na Catedral, por contratos com o arquiteto José Pereira Arouca até 1781.³ Na administração de Dom Domingos, foi reedificada a capela e criado o parque do *Seminário da Nossa Senhora da Boa Morte*, por trabalhos de José Pereira Arouca.⁴

A concepção, junto ao Seminário de um “parque”, que incluía um programa paisagístico, para o qual se pensava em pomares, ruas ajardinadas com especificação de plantas, passeios entre jabuticabeiras e cafezais, fonte com esculturas, revela um caso curioso de transposição de modelos de jardins artísticos europeus próprios do século XVIII para Minas Gerais.⁵ A continuação e execução de grande deste projeto de um jardim artístico se fez, mais tarde, por encargos do sucessor de Pontével, Dom Frei Cipriano de São José. Vemos um aspecto do jardim em 1809, em 1853 já parcialmente em ruínas e algumas fotografias atuais.

³ BAZIN, G. BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 1963. p.68. TRINDADE, Cônego Raymundo. Op. cit. pp. 206-209.

⁴ BAZIN, Germain. *A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil*. Op.cit. p. 70 e MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, Ministério da Educação e da Cultura, 1974. Pp. 66-67.

⁵ Ver, por exemplo, um apanhado sobre o jardim barroco em CHECA, F. e MORÁN, J.M. El escenario del poder: el jardín. In *El Barroco*. Madrid: Istmo, 1994. Pp. 188-194. Ou LEITE, Ana Cristina. Jardins. In PEREIRA, José Fernandes. *Dicionário da Arte Barroca em Portugal*. Lisboa, Presença, 1989. Pp. 236-238.

Entre os elementos artísticos do parque do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte esteve a fonte da Samaritana, obra inicialmente atribuída a José Pereira Arouca, com base na documentação. Arouca, no entanto, não era escultor, como se sabe, mas mestre pedreiro e carpinteiro, e, mais do que isso, um administrador ou um mestre de obras – portanto, a concepção e execução deste relevo que ornou uma das fontes dos jardins do Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte, em Mariana, poderiam, portanto, caber como obras de sub-empregada por Aleijadinho, cuja autoria vem sendo consensual desde Germain Bazin.

No entanto, as obras de reforma, melhoramentos e ampliação do *Seminário de Nossa Senhora da Boa Morte* e no *Palácio Episcopal de Mariana*, entre os anos de 1780 e 1793 estão diretamente relacionadas ao mecenato do bispo Dom Domingos da Encarnação Pontével e fartamente documentadas em recibos assinados por José Pereira Arouca. Foi então o quarto bispo responsável por obras de ampliação do Palácio Episcopal de Mariana, dotando-lhe de um Pavilhão Artístico.⁶

A fachada do Paço Episcopal de Mariana, onde hoje funciona o Museu da Música, dá mesmo a impressão de um “acréscimo”, de uma colagem de dois edifícios diferentes: o corpo que corresponde à parte direita da fachada é obra de Manoel Francisco Lisboa, encomendada pelo primeiro Bispo, Dom Manuel da Cruz. A parte esquerda da fachada

⁶ TRINDADE, C.R. op.cit. pp. 206-209. Há uma série de recibos assinados por José Pereira Arouca por trabalhos especificados de obras e acréscimos realizados para o Palácio de Mariana, entre 1782 e 1792. MARTINS, Judith. *Dicionário de Artistas e Artífices dos Séculos XVIII e XIX em Minas Gerais*. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, Ministério da Educação e da Cultura, 1974. pp. 67-68.

principal é a obra de ampliação encarregada por Dom Domingos da Encarnação Pontével a José Pereira Arouca, e que, vista dos fundos, compreende uma impressionante arcada, em forma de galeria.⁷

A reconstituição da decoração interna deste edifício nos remete a uma história do mobiliário no contexto religioso que poderia, tangenciando a história do móvel colonial no espaço civil atender não apenas às peças de igreja, mas também objetos pertencentes a espaços de arquitetura que poderíamos considerar como de transição entre o religioso e o civil, em especial os palácios episcopais. Ao mesmo tempo residência dos bispos e lugares de reuniões, os paços ou palácios episcopais consistiram em importantes exemplos de arquitetura no Brasil colonial.

John Bury bem observou que:

“As obras mais ambiciosas da arquitetura civil colonial foram as casas de câmara, as residências dos governadores e bispos, as casas rurais ou solares das famílias patricias e as casas-grandes de engenhos e fazendas. (...) Entretanto, como obras individuais, as mais admiráveis residências oficiais no Brasil colônia foram o palácio dos vice-reis no Rio de Janeiro e o palácio do arcebispo da Bahia (construído em 1707-1715) uma estrutura cúbica com imponente solenidade.”⁸

No que se refere ao Palácio Episcopal de Mariana, o quarto bispo, Frei Domingos da Encarnação Pontével,

⁷ CHECA, F. e MORÁN, J.M. El fin del Coleccionismo Eclético y el Nuevo Papel de Mecenas. In *El Barroco*. Madrid: Istmo, 1994. Pp.59-64. Ver WACKERNAGEL, Martim. *Il Mondo degli artisti nel Rinascimento Fiorentino: committenti, botteghe e mercato dell'arte*. Roma: Carocci, 1994. Pp. 251-351. BURCKHARDT, Jacob. *I Collezionisti. L'arte italiana del Rinascimento*. Vol IV. Venezia, Marsilio, 1995. SCHLOSSER, J. *Raccolte d'arte e di meraviglie del tardo Rinascimento*, Firenze, 1974. POMIAN, K. *Collectionneurs, amateurs et curieux, Paris, Venise XVIe – XVIIIe. Siècle*. Paris, 1987. HASKELL, F. *Mecenati e Pittori. Studio sui rapporti tra arte e società italiana nell'età barocca*. Firenze, 1985.

⁸ BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Brasília: IPHAN, Monumenta, 2006. P. 192-193.

foi responsável por continuar seu apetrechamento, compondo-o de uma infinidade de objetos de uso, porém objetos marcados por um forte sentido honorífico.

A transcrição do inventário de bens de Dom Domingos da Encarnação Pontével revelou especialmente a prática de um colecionismo voltado às artes decorativas, louças da Índia, pratarias, mas também confirmou a presença de alguns poucos objetos característicos de um colecionismo erudito e artístico, como mapas, retratos, uma câmara ótica, além de sua imensa Livraria.

Encontramos, por exemplo, em seu inventário:

“6\$000 Cinco mapas de várias terras com suas guarnições [molduras] de jacarandá torneado que foram vistos, avaliados pelos ditos louvados na quantia de seis mil réis”; “38\$900 Quatro retratos em painéis ovais de pessoas Reais. (p.22)”; “9\$600 uma Câmara Ótica com setenta e quatro papéis grandes e pequenos que foi vista, avaliada pelos ditos louvados na quantia de nove mil e seiscentos réis.”⁹

A presença de quatro pinturas de retratos, em formato oval, provavelmente representando os reis de Portugal, poderiam esclarecer a procedência, ao menos em hipótese, dos retratos ovais que hoje ficam no saguão de entrada da Câmara e Cadeia de Mariana. Indicam, ao lado dos mapas e da câmara ótica, um pequeno esforço de colecionismo artístico e ilustrado, onde objetos de arte se confundiam com objetos de pesquisa e observação.

A construção de um universo de refinamento relacionado à mesa e ao ambiente doméstico palaciano: utensílios de prata; louças da Índia; completos aparelhos

⁹ *Inventário de Dom frei Domingos da Encarnação Pontével*, 1793, armário I, 4ª gaveta, livro. Arquivo Episcopal da Arquidiocese de Mariana, p.12.

de chá e de jantar; chocolateiras; cafeteiras; etc.; mas também móveis de honra, alfaias, jóias e pedras preciosas; mapas e retratos, tudo somado à impressionante reforma a que o Paço Episcopal de Mariana foi submetido indicam a preocupação do quarto bispo em demarcar simbolicamente a presença do Bispado nas terras das Minas.

Se, por um lado, as peças de luxo relacionadas à mesa dizem respeito a um sistema de circulação de objetos vindos do Oriente e da Europa, o mobiliário de honra aponta para um sistema de encargos junto aos artífices locais.

Dom Domingos da Encarnação Pontével foi que encarregou que se fizesse e foi a quem pertenceu o conjunto de cadeiras e o Trono Episcopal, atribuídos a Antônio Francisco Lisboa, cuja datação apresentada pelo Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana é entre 1778 e 1783, o que coincide aproximadamente com o período de sua administração. De acordo com o mesmo Museu de Arte Sacra, a procedência das peças é da Sala de Visitas do Paço Episcopal, provavelmente de Mariana, edifício ampliado pelo quarto bispo, como se viu.¹⁰

Consta em seu inventário de morte, de 1793:

“Uma cadeira grande de encosto de talha dourada com seus anjinhos dourados que foi vista, avaliada pelos ditos louvados na quantia de vinte mil réis” Esta referência, no Inventário de Bens confirma que o Trono do Museu Arquidiocesano do Museu de Arte Sacra de Mariana pertenceu a Dom Domingos da Encarnação Pontével, bem como revela seu douramento, hoje desaparecido. Aqui lemos ainda “Onze cadeiras de talha com pés de cabra com encosto assento coberto de damasco verde de lã que foram vistas, avaliadas pelos ditos louvados na quantia de cinquenta e dois mil e oitocentos réis.”¹¹

¹⁰ Ficha museográfica relativa ao Trono Episcopal. Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.

¹¹ *Inventário de Dom frei Domingos da Encarnação Pontével*, 1793, armário I, 4ª gaveta,

Isso representava que o Trono esteve associado ao grande conjunto de cadeiras, das quais restaram apenas cinco e que provavelmente comportariam todo o número de prelados do cabido.

Mas o conjunto de móveis criados para o quarto bispo de Mariana não foi pensado, ao menos não foi executado assim, como suporte de seus emblemas pessoais, não carregam qualquer elemento de suas armas.¹² Foram pensadas como peças para o bispado e para permanecerem em uso para todos os futuros bispos ali entronizados. A mitra, dourada, entalhada no alto do espaldar de cada uma das cadeiras, pairava sobre cada um dos visitantes do bispo a sentarem-se a seu redor. As menores dimensões do conjunto de cadeiras dariam ainda maior ênfase à monumentalidade do trono. Seria, assim, uma maneira de distribuir, por meio da disposição da mobília, a hierarquia entre os convidados e o anfitrião, um modo de demarcar os papéis no espaço de uma sala de visitas, um espaço ao mesmo tempo civil e religioso. Podemos vislumbrar a importância honorífica dos móveis de assento no contexto religioso do século XVIII brasileiro pelo que ordena a Primeira Constituição do Arcebispado da Bahia, de 1707:

“Que nenhuma pessoa Eclesiástica ou secular, de qualquer qualidade, ou condição que seja, em quanto se disser Missa, e se celebrarem os Oficiais Divinos, se assente nas Igrejas de nosso Arcebispado, ainda que sejam Regulares, em cadeiras de espaldas, exceto as pessoas seguintes, entre as quais nomeamos algumas para os casos, em que suceda acherem-se neste nosso Arcebispado: os Cardeais, Patriarcas, Arcebispos, Bispos e Nuncios Apostólicos. Os Duques, Marqueses, Condes e Governadores deste Estado. Os

livro. Arquivo Episcopal da Arquidiocese de Mariana.

¹² TRINDADE, C.R. op.cit. pp. 206-209.

Inquisidores quando estiverem em alguma Igreja fazendo diligências ou ato de seu ofício. Os nossos Visitadores quando atualmente estiverem de visita em algum lugar. A Câmara desta Cidade, e dos outros lugares do Arcebispado.¹³

Proibimos a cada um dos Párcos e a quaisquer outros Sacerdotes, sob pena de excomunhão maior, que se lhes dar em culpa, que se não assentem na Capela Mor, nem fora dela na Igreja em cadeiras de espaldas, salvo para fazer estação, quando comodamente a não puder fazer do púlpito ou em pé no cruzeiro.¹⁴

Desta forma, o encargo junto a um mestre entalhador ou marceneiro bastante especializado – um ebanista poder-se-ia dizer sem receio – de um conjunto de mobília solene confirma o esforço de materialização do poder diocesano em Minas Gerais do século XVIII. Diante da redundante monumentalidade do trono do *Museu Arquidiocesano de Arte Sacra* de Mariana caberia perguntar se não parece plausível que, com o intuito de enaltecer o papel do bispado, afirmar seu poder diante de um clero indisciplinado e disperso pelos anos de ausência da figura de um bispo em Mariana, Dom Domingos da Encarnação Pontével incumbisse justamente um artista de prestígio em seu tempo para que concebesse e executasse seu próprio trono.

Porém, no inventário de Dom Domingos da Encarnação Pontével, encontramos ainda um impressionante número de mobília, especialmente móveis de caráter artístico, com funções honoríficas: 1 cômoda com sua talha; uma mesa de jacarandá torneada com pés de burro; 1 mesa de 3 pés com seus frisos (...); 1 mesa pequena de jacarandá quadrada com taboa toda embutida e sua gaveta; 1 cadeirão que

¹³ VIDE, D. Sebastião Monteiro da. *Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia*. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853. Lei 732.

¹⁴ *Ibid.* Lei 734.

forma (?) de carrinho de jacarandá; um armário de vinhático novo; 2 mesas de dobradiças e de pés torneados cada uma com duas gavetas; duas mesas de pau-branco guarnecidas de jacarandá vermelho; 1 catre de pau branco torneado; 1 cofre de jacarandá; 1 mesa de jacarandá com pés de cabra; 1 mesa de jacarandá com duas gavetas e pés de burro; duas mesas de pau-branco; 1 poltrona de jacarandá; 1 poltrona de jacarandá de pés torneados com assento coberto de carneiro; 11 cadeiras de talha com pés de cabra com encosto e assento coberto de damasco verde de lã; 12 cadeiras de jacarandá com pés de burro com assento de taboa. 8 cadeiras de jacarandá com pés de burro e assento de tábua, 8 cadeiras pequenas de jacarandá lisas e pés de burro; 1 poltrona de madeira branca pintada de verde de gradis; 1 poltrona de assento com encosto de ferro dourada coberta de marroquim; 1 cadeira grande de encosto de talha dourada com seus anjinhos douradoos; 11 cadeiras de pau de jacarandá lisas com assento e encosto de talha dourada; 3 mesas de pau branco lisas de dobradiças; 1 mesa de pau branco lisa; 1 armário de 10 palmos de comprido com duas portas e 3 gavetas com fechaduras; 1 catre de jacarandá preto com seu pavilhão e pés torneados; 1 catre de pau branco liso; 4 baús cobertos; 1 dito (?) mais usado; 1 baú coberto de couro de boi; 15 tamboretas de couro de jacarandá vermelho; 1 mesa grande lisa com suas gavetas; 1 cortinado de cama com todo o seu aparelho com franja de retrós amarelo; 1 colcha de damasco amarelo forrada de tafetá com franja de retrós amarelo; 1 colcha de cambraia verde sem forro; 3 colchas ou cobertores; uma

colcha pequena; 3 colchas; 4 colchas muito grandes, etc., etc.¹⁵

A riqueza da presença de mobiliário artístico, com referências ao luxo de seus materiais e suas alfaias, o jacarandá, o couro, os metais, os tafetás, as franjas, os retrós, as cambraias, a assim como a referência ao modo de trabalhar as madeiras: o torneado, policromado, dourado, entalhado, os estofados e as incrustações, a riqueza indicada pelas palavras usadas pelo inventariante e pelas cifras com que cada objeto foi avaliado, permite uma reconstituição do universo de luxo e beleza aplicado ao cotidiano de um palácio episcopal no Brasil do século XVIII.

Talvez fosse possível ir em busca dos objetos e móveis descritos em tal inventário. Talvez alguns se encontrem hoje em reserva técnica do Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana, tais como uma cômoda de jacarandá em estilo D. José I, com entalhes e puxadores metálicos com o símbolo da Mitra, alusiva ao Bispado, ou um leito com baldaquino de jacarandá em estilo Dom João V em transição ao Dom José I, com ricos entalhes contendo o símbolo da Mitra.

Além disso, podemos cotejar o inventário do Dom Domingos da Encarnação Pontével e os móveis que se encontram nos salões correspondentes à ampliação realizada por Arouca no Palácio Episcopal de Mariana, hoje Museu da Música.

Vemos a construção de um aparato simbólico, muitas vezes com os emblemas da Diocese, para a construção do Poder do Bispado em meio às dificuldades disciplinares e

¹⁵ *Inventário de Dom frei Domingos da Encarnação Pontével*, 1793, armário I, 4ª gaveta, livro. Arquivo Episcopal da Arquidiocese de Mariana.

resistências do clero contra o incômodo poder dos Bispos. Observemos o grande esforço de Dom Domingos da Encarnação Pontével em cercar-se de uma série de objetos de uso com valor honorífico capazes de criar uma atmosfera digna de um bispado, na recém criada Diocese.

No entanto, todos os bens descritos no Inventário de Morte de Dom Domingos da Encarnação Pontével foram curiosamente colocados em praça pública, após sua morte, pelo Juiz de Defuntos e Ausentes da Câmara de Mariana e vendidos um a um, não restando nada para ser utilizado por seu sucessor, Dom Frei Cipriano, que ocuparia o cargo alguns anos depois e encontraria o Paço Episcopal de Mariana como um lugar “saqueado”. Foi constatado que todos os seus pertences foram vendidos após sua morte, o que destoava, de certa forma, dos preceitos das Constituições Primeiras da Arquidiocese da Bahia, pelos quais:

“(...)os bens das pessoas Ecclesiasticas sejam, conforme o direito, totalmente isentos da jurisdição secular, conformando-nos com a disposição dos Sagrados Cânones, mandamos, sob pena de excomunhão *ipso facto incurrenda*, e dez cruzados para a Sé, e Meirinho, aos Desembargadores, Corregedores, Ouvidores, Juizes, Meirinhos, e quaesquer outros Ministros da Juística Secular que não penhorem, não mandem penhorar os Clérigos (...).”¹⁶

E

“Conformando-nos com as Constituições dos Bispados do Reino, e principalmente do Arcebispado de Lisboa, pelo qual até agora se governava este nosso Arcebispado, declaramos que a sucessão nos bens do Clérigo defunto, que pertence a seus herdeiros ab intestado, não há lugar nos bens especialmente deputedos ao culto Divino e serviço da Igreja, como casas, e senzalas, que eles e os seus antecessores fizeram para uso das mesmas Igrejas, e bem feitorias, que nelas fizeram, porque

¹⁶ (Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707. Op. Cit. Tomo VI, Lei 652.

de todas estas, nem os Clérigos, e Beneficiários podem testar, nem os herdeiros ab intestado nelas suceder, mas ficarão perpetuamente às Igrejas, porque se presume, que para o tal serviço as fizeram.”¹⁷

Antes de partir de Portugal, o bispo Dom Cipriano, depois de sagrado em Lisboa e enquanto se preparava para a viagem,¹⁸ ordenou, com permissão do Conselho Ultramarino, que os bens de seu antecessor fossem comprados novamente e recolocados no Paço.

Nesta persuasão comecei a tratar dos preparativos indispensáveis, não só para a minha pessoa, e viagem, que são grandes, e de grande preço; mas também para a minha casa de Mariana; por me constar com certeza, que **todos os móveis do meu Antecessor foram removidos, e alienados dela, restando-me somente paredes, e pavimentos.** As mais das coisas de que preciso estão encomendadas para se apromptarem até os fins de Outubro....”¹⁹

Além de ordenar que os bens de seu antecessor fossem comprados e recolocados no Paço Episcopal, Dom Frei Cipriano ocupou-se de um curioso programa decorativo interno.

¹⁷ Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, 1707. Lei 776.

¹⁸ (AHU, cx. 143, doc. 65, fl.1) citado em MAIA, Moacir de Castro. Op. Cit. p. 7. Luís Pinto de Sousa Coutinho, informando a tomada de posse do bispado de Mariana e que ordenou a reposição na livreria dos livros dali retirados pertencentes ao seu antecessor, que tinham sido arrendados em praça pública com mais móveis de seu espólio como bens de Defuntos e Ausentes.

¹⁹ (Documentos manuscritos avulsos da Capitania de Minas Gerais - 1680-1832), cx.143, doc.65, CD42. 29 nov. 1797. Carta do bispo de Mariana, D. Frei Cipriano de São José, a Rodrigo de Sousa Coutinho, secretário de Estado dos Domínios Ultramarinos, dando conta e explicando as razões da demora em voltar do Reino para o seu bispado e queixando-se das inconveniências sofridas pela demora dos barcos, AHU (Documentos manuscritos avulsos da Capitania de Minas Gerais - 1680-1832), cx.145, doc.17, CD42. 03 ago. 1798. Carta de D. Frei Cipriano de São José, bispo de Mariana, para D. Rodrigo de Sousa Coutinho, pedindo, entre outros assuntos, deferimento dos seus requerimentos, agradecendo o despacho de seu sobrinho e informando da impossibilidade de apromptar mais cedo os papéis das suas dependências, AHU (Documentos manuscritos avulsos da Capitania de Minas Gerais - 1680-1832), cx.146, doc.37, CD43. 25 out. 1798. Todos apud MAIA, Moacir de Castro. Op. Cit. p.7.

No salão central da parte superior do Palácio Episcopal, talvez destinado a abrigar parte da biblioteca de Pontével, tendo caído em ruína até o restauro de 2010, hoje se conservam sete medalhões pintados (e bastante adulterados pela restauração) nas paredes, atribuídos ao Padre José Viegas de Menezes (1778 - 1841), pintor e gravador, fundador da primeira tipografia de Minas Gerais. Os bustos em forma de *grisalle*, imitando esculturas como medalhões em relevo, de quatro filósofos gregos: Thales de Mileto, Sócrates, Zeno e Epicuro, além de duas cenas bucólicas, alusivas à parábola do bom pastor e uma representação, possivelmente, de um símbolo do bispado.

No terceiro salão, encontramos os retratos dos Bispos de Mariana desde a fundação da Diocese a Dom Frei Cipriano de São José, além do retrato de Papa cuja bula fundou a Diocese. Embora a reforma do Palácio tenha ocorrido sob a atuação de Dom Domingos da Encarnação Pontével, o programa decorativo interno tivesse se dado sob o esforço de Dom Frei Cipriano de São José, seu sucessor, e por obra de seu amigo pessoal, Padre José Viegas de Menezes.²⁰

Por ordem de Cipriano de São José os móveis e objetos foram recolocados em seu lugares e, além disso, sobre as paredes, as imagens da sucessão dos bispos, como demarcação de uma ainda breve história da diocese que se afirmava, foram fixadas definitivamente sobre as paredes.

²⁰ MAIA, Moacir Castro. *Uma Quinta Portuguesa no Interior do Brasil: ou a Saga do Ilustrado Dom Frei Cipriano e o Jardim do Antigo Palácio Episcopal no Final do Século XVIII*. Revista *História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out. dez. 2009. p.881-902.

Referências Bibliográficas:

- BAZIN, Germain. A Arquitetura Religiosa Barroca no Brasil. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- BURCKHARDT, Jacob. I Collezionisti. L'arte italiana del Rinascimento. Vol IV. Venezia, Marsilio, 1995.
- BURY, John. Arquitetura e Arte no Brasil Colonial. Brasília: IPHAN, Monumenta, 2006.
- CHECA, F. e MORÁN, J.M. El Barroco. Madrid: Istmo, 1994.
- Ficha museográfica relativa ao Trono Episcopal. Museu Arquidiocesano de Arte Sacra de Mariana.
- HASKELL, F. Mecenati e Pittori. Studio sui rapporti tra arte e società italiana nell'età barocca. Firenze, 1985.
- Inventário de Dom frei Domingos da Encarnação Pontével, 1793, armário I, 4ª gaveta, livro. Arquivo Episcopal da Arquidiocese de Mariana
- LEITE, Ana Cristina. Jardins. In PEREIRA, José Fernandes. Dicionário da Arte Barroca em Portugal. Lisboa, Presença, 1989. Pp. 236-238.
- MAIA, Moacir Castro. Uma Quinta Portuguesa no Interior do Brasil: ou a Saga do Ilustrado Dom Frei Cipriano e o Jardim do Antigo Palácio Episcopal no Final do Século XVIII. Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.16, n.4, out. dez. 2009. p.881-902.
- MARTINS, Judith. Dicionário de Artistas e Artífices dos Século XVIII e XIX em Minas Gerais. Rio de Janeiro: Departamento de Assuntos Culturais, Ministério da Educação e da Cultura, 1974.
- POMIAN, K. Colleccionneurs, amateurs et curieux, Paris, Venise XVIe – XVIIIe. Siècle. Paris, 1987.
- SANTIAGO, Pe. Marcelo Moreira et alii. Igreja de Mariana 100 anos como arquidiocese. Mariana: Dom viçoso, 2006.
- SCHLOSSER, J. Raccolte d'arte e di meraviglie del tardo Rinascimento, Firenze, 1974.
- TRINDADE, Cônego Raymundo. Arquidiocese de Mariana: subsídios para sua história. São Paulo: Escola de Profissionais do Coração de Jesus, vol.I, 1928.
- VIDE, D.Sebastião Monteiro da. Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia. São Paulo: Typographia 2 de dezembro, 1853.
- VILLALTA, Luiz Carlos. O Diabo na Livraria dos Inconfidentes. In NOVAES, Adauto. Tempo e História. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, Companhia das Letras, 1992. P. 372-375.
- WACKERNAGEL, Martim. Il Mondo delgi artisti nel Rinascimento Fioretino: commitenti, botteghe e mercato dell'arte. Roma: Carocci, 1994.